

Especial | Relações de trabalho

Logística Empresas montam estruturas locais de distribuição de seus produtos e setor cresce 12% ao ano

O impulso dos novos centros de consumo

Rosângela Capozoli
Para o **Valor**, de São Paulo

Nem mesmo a crise econômica que abalou mercados mundiais teve força para mexer com o desempenho do setor logístico brasileiro. As taxas de crescimento chegaram a recuar, ficando abaixo dos índices do Produto Interno Bruto (PIB), mas não despencaram, parando na casa dos 3%. Passada a ventania, o ramo continua pujante e a receita neste ano deverá alcançar cerca de R\$ 16 bilhões, o que significa um acréscimo de 12% sobre 2010. Para o próximo ano a tendência é manter esse ritmo de crescimento.

O quadro de funcionários do setor já exibe 100 mil empregados e outros 50 mil postos de trabalho indiretos. Os operadores avançam para outros mercados em crescimento como a região Nordeste. "Há dois fatores responsáveis pelo excelente desempenho do segmento. O primeiro é o crescimento orgânico, ou seja, as empresas movimentam mais e requerem mais serviços logísticos. O segundo é uma migração por parte de com-

panhias que passaram a terceirizar a atividade", garante Pedro Francisco Moreira, presidente da Associação Brasileira de Movimentação e Logística (ABML).

Essa tem sido uma tendência muito clara liderada principalmente pelas multinacionais. "Observamos uma onda de terceirização nas áreas de operações de armazenagens, movimentação, fabricação e finalização de produtos acabados", diz Moreira. O aquecimento na economia também levou as empresas a explorarem novos mercados que despontam impulsionados por alavancas como a exploração do pré-sal, a construção civil, a Copa de 2014 e as Olimpíadas de 2016. "A região Sudeste sempre liderou algumas inovações onde a terceirização é clara, mas agora se observa de forma sensível essa distribuição, por exemplo, nas regiões Centro-Oeste, Nordeste e até em Manaus. Temos hoje operadores logísticos com cobertura nacional", afirma o presidente.

A americana Penske Logistics no Brasil acompanha esse movimento de perto. "Estamos tendo um

Terceirização

Vantagens e desvantagens para as empresas

Prós

- Estrutura administrativa simplificada, uma vez que não terá de realizar registros/demissões, pagamentos de salários, FGTS, INSS dos empregados etc
- Mais participação dos dirigentes nas atividades-fim da empresa
- Concentração dos talentos no negócio principal da empresa
- Redução do custo de estoques
- Maior facilidade na gestão do pessoal e das tarefas

Fonte: Biblioteca Sebrae

- Possibilidade de rescisão do contrato conforme as condições preestabelecidas
- Controle da atividade terceirizada por conta da própria empresa contratada
- Menores despesas com aquisição e manutenção de máquinas, aparelhos e uniformes fornecidos pela empresa contratada
- Ampliação de mercado para pequenas empresas que terão oportunidade de oferecer seus serviços de terceirização

Contras

- Verificar se o pessoal disponibilizado pela empresa terceirizada consta como registrado e se os direitos trabalhistas e previdenciários estão sendo pagos e respeitados
- Sofrer autuação do Ministério do Trabalho e ações trabalhistas em caso de inobservância das obrigações
- Fiscalização dos serviços prestados para verificar se o contrato de prestação de serviços está sendo cumprido integralmente, conforme o combinado
- Risco de contratação de empresa não qualificada

aumento de operações em estados onde antes não existia esse tipo de serviço. Por conta do crescimento do consumo no Nordeste, muitos dos nossos clientes estão montando operações, centros de distribuição ou transporte locais ao invés de concentrar o centro de distribuição em São Paulo e fazer a entrega naquele mercado", afirma

Paulo Sarti, presidente-diretor da companhia para a América do Sul. "A tendência é colocar os estoques de produtos próximos dos mercados", diz Sarti. A Penske está implantando centros de distribuição na Bahia e em Pernambuco. "Temos clientes abrindo fábricas no Nordeste e solicitando nossos serviços dentro das fábricas", diz.

Estudo feito pela ABML demonstra o peso alto que a logística tem no preço final do produto. "A logística representa entre 8% a 25% no preço final do produto", afirma Moreira. O levantamento aponta ainda que a terceirização pode reduzir os custos entre 8% e 15%. "Há casos que extrapolam esse índice de 15%", diz Moreira.

A Penske exibe uma lista de 20 clientes peso pesado, como Ford, Bridgestone-Firestone, HP, Sony, Samsung, LG, Whirlpool e Natura. Em 2010, faturou R\$ 160 milhões e projeta crescer 40% em 2011. De dois anos para cá, o número de contratação quase dobrou ao bater na casa dos 2.300 funcionários. "Mão de obra é um grande desafio. Temos dificuldade em encontrar e em reter funcionários", diz.

"A falta de mão de obra qualificada vem sendo percebida como um dos principais problemas enfrentados pela empresa", diz Caio Najm, vice-presidente da Ceva Logistics no Brasil, que opera hoje com 8.500 funcionários. Uma recheada carteira de clientes, onde figuram montadoras de automóveis, Petrobras, Phillips, Avon e Goodyear garantiu à Ceva um faturamento R\$ 833 milhões em 2010, após um aumento de 12%. "Crescimento orgânico das empresas, aquecimento econômico e novos negócios são os principais fatores que colaboraram com essa alta", diz Najm, que prevê, para o ano, a repetição deste crescimento.

Segurança privada cresce 14% ao ano e fatura R\$ 15 bi

Paulo Vasconcelos
Para o **Valor**, do Rio de Janeiro

O negócio de segurança terceirizada movimentou no ano passado R\$ 15 bilhões, de acordo com a Associação das Empresas Prestadoras de Serviços (AEPS). O crescimento médio tem sido de 14% ao ano e a expectativa é de mais 14% este ano e em 2012. A proximidade

da Copa do Mundo, em 2014, e dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, gera a expectativa de um incremento ainda maior à medida que os eventos se aproximam.

"Como o governo federal já disse que sua prioridade será o controle de fronteiras e a preocupação com ataques terroristas, a segurança dos estádios e das delegações estrangeiras ficará com a Poli-

cia Federal, a Polícia Militar, as guardas municipais e a iniciativa privada", diz Marcelo Curi, diretor da AEPS e dono da Transegur. "Quando o país cresce 3%, a segurança privada cresce 10%. Mas se o país decresce 3%, perdemos 10%."

Clientes da iniciativa privada absorvem 66% dos 450 mil empregados nas 1.500 empresas do setor. A participação dos clientes públi-

cos está em queda. Os donos das empresas de segurança alegam que têm pouca capacidade para arcar com os atrasos dos pagamentos pelo setor público.

O gargalo de mão de obra é grande por causa da demanda aquecida na construção civil. O quadro piora na medida em que governos estaduais e prefeituras investem em segurança.

"As empresas de segurança privada investem cada vez mais na formação customizada de agentes e vigilante às necessidades do cliente, como primeiros socorros ou segurança eletrônica, e também em certificações de qualidade", afirma Curi. Por exigência do mercado, o setor tem contratado engenheiros de computação e de telecomunicações. "A demanda

por segurança eletrônica tem sido cada vez maior." Apesar de fiscalizado pela Delegacia de Segurança Pública (Delesp) da Polícia Federal, para onde é remetido via on-line todo o controle de contratação de pessoal ou da munição que vigilantes e agentes usam nas armas, o setor enfrenta a concorrência de empresas informais que trabalham com preços menores.

PUBLICIEDITORIAL

PROTOCOLO DE AÇÕES CONJUNTAS ENTRE FEBRATEL E FENATTEL

Diante da realização da Audiência Pública proposta pelo T.S.T – Tribunal Superior do Trabalho - a ser realizada em Brasília DF, nos dias 4 e 5 de outubro de 2011, a respeito da terceirização e suas consequências para o mercado de trabalho no setor de telecomunicações, as entidades representativas do setor no país, de um lado, pela categoria econômica a FEBRATEL (Federação Brasileira de Telecomunicações) e de outro lado, pela categoria profissional, a FENATTEL (Federação Nacional dos Trabalhadores em Telecomunicações) entidade de segundo grau, atualmente coordenadora das ações de 22 sindicatos, em 21 estados, em nome de 95% dos trabalhadores do setor, ou seja, cerca de 750 mil trabalhadores, vem tornar público o presente PROTOCOLO DE CONDUTA DIANTE DA REALIDADE DA TERCEIRIZAÇÃO NO SETOR DE TELECOMUNICAÇÕES, para estabelecer marcos comuns éticos, sociais e profissionais, capazes de preservar as relações trabalhistas e sindicais dos efeitos nocivos de práticas que podem levar a uma precarização social dos contratos de trabalho, prática esta condenada por ambas as entidades, empresas e sindicatos.

Por este PROTOCOLO de AÇÕES, FEBRATEL e FENATTEL comprometem-se conjuntamente:

- Expressar publicamente que não é objeto dos contratos de prestação de serviços de uma maneira geral nas áreas de rede, engenharia, tele-atendimento, vendas, etc., entre as empresas de telecomunicações e suas contratadas, qualquer condição, exigência ou sugestão ao descumprimento das normas coletivas, como Acordos Coletivos de Trabalho ou Convenções Coletivas de Trabalho, jornada de trabalho, benefícios e cláusulas socioeconômicas constantes dos mesmos.

- A atuar junto às empresas contratadas, em todo território nacional, de uma maneira geral nas áreas de rede, engenharia, tele-atendimento, vendas, etc., no sentido de coibir condutas que possam ser interpretadas como "precarizantes" das relações trabalhistas e sindicais.

- Assegurar por meio desta atuação conjunta o respeito ao direito à livre sindicalização dos trabalhadores, bem como o reconhecimento e enquadramentos dos respectivos empregados junto aos sindicatos profissionais de trabalhadores em telecomunicações.

- Atuar no setor de tele-atendimento, o maior empregador privado nacional, a fim de assegurar o respeito às Normas Regulamentadoras, aos Acordos Coletivos ou Convenções Coletivas de Trabalho, onde estejam firmadas, notadamente no que se refere à jornada de trabalho, as questões de salário, remuneração, benefício, direito de sindicalização, reconhecendo os sindicatos profissionais filiados à FENATTEL como representantes dos trabalhadores de tele-atendimento.

- Reconhecer que é característica básica do setor de telecomunicações a recorrente inovação, convergência digital e evolução tecnológica, que impactam constantemente em seus meios de produção, inviabilizando a definição do que seja atividade fim e atividade meio neste setor;

- Reconhecer que toda e qualquer atividade do setor é fundamental para a viabilização da cadeia produtiva que envolve telecomunicações;

- Reconhecer que é característica fundamental ao funcionamento do setor de telecomunicações o alto grau de complexidade e de especialização em muitas atividades de sua cadeia produtiva;

- Reconhecer que as atividades da cadeia produtiva, de uma maneira geral nas áreas de rede, engenharia, tele-atendimento, vendas, etc., são autônomas entre si, com particularidades e modelos de gestão diversos, o que requer alto grau de especialização técnica e especificidade;

- Reconhecer que a atual organização da cadeia produtiva do setor, além do aumento de empregos formais, é essencial para o cumprimento dos princípios constitucionais e para a eficiência quando da oferta dos serviços para o consumidor final;

- As entidades se comprometem a discutir a instituição de um instrumento de BOAS PRÁTICAS prevendo regras que permitam a auto-regulamentação quanto à prestação de serviços em toda a cadeia produtiva do setor, observando os princípios contidos neste documento.

Certos de valorizarem conjuntamente as melhores práticas de relações trabalhistas e sindicais, em respeito aos objetivos sociais das empresas e ao papel constitucional das entidades sindicais, subscrevem


Antonio Carlos Valente


Almir Munhoz

